



Agroecologia e Cultura Popular Camponesa: a relação entre os costumes tradicionais e a transição agroecológica em territórios rurais brasileiros
Agroecology and peasant folk culture: the relationship between traditional customs and agroecological transition in Brazilian rural territories

CABRAL, Caio de Meneses¹; JALIL, Laetícia Medeiros²
Universidade Federal do Piauí – Campus Professora Cinobelina Elvas – UFPI - CPCE,
caiodemeneses@gmail.com; ²UFRPE – UAST, laeticiajalil@gmail.com.

Eixo temático: Cultura Popular, Arte e Agroecologia

Resumo: O objetivo desse estudo é analisar, à luz da Cultura Popular Camponesa e da Agroecologia, a importância dos costumes tradicionais dos povos rurais para processos de transição agroecológica. Nesse movimento, fazer essa relação é tarefa fundamental desde um ponto de vista teórico, para a compreensão de ambas e para o vislumbre de um modo de vida camponês. Esse é um ensaio teórico que busca apresentar, à luz da literatura, experiências que trazem a cultura popular como instrumento de resistência, demonstrando potencial para se pensar em uma Transição Cultural Agroecológica.

Palavras-chave: Memória; sabedoria; resistência; identidade; territorialidade.

Keywords: Memory; Wisdom; Resistance; Identity; Territoriality.

Introdução

A resistência de um povo talvez seja a própria manifestação de seus costumes tradicionais. Sua memória vibra em seu modo de vida. Sua sabedoria é ativada por sua territorialidade. Seu motivo de viver é talvez a mais límpida interpretação de seu processo de co-evolução com a natureza. A cultura popular camponesa é a imagem viva sobre um saber-fazer e um sentir-pensar que são intrínsecos à própria existência da vida rural tradicional.

O objetivo desse estudo é realizar um ensaio teórico *à luz da relação entre Cultura Popular Camponesa e Agroecologia, e a importância dos costumes tradicionais dos povos rurais para processos de transição agroecológica*. Sim, porque a Agroecologia enquanto Ciência, Movimento e Prática reconhece o saber tradicional como dimensão fundamental da vida rural e busca se aprofundar no entendimento dos povos rurais como uma estratégia de fortalecimento de seus processos de transição agroecológica.

Nesse movimento, relacionar a Cultura Popular Camponesa e a Agroecologia é tarefa fundamental desde um ponto de vista teórico, para a compreensão de ambas e para o vislumbre de um modo de vida camponês - que pode ser tradicional e moderno, que está pautado no bem viver e na diversidade, no valor espiritual e material, no celebrativo e também no produtivo, na resistência camponesa.



Para iniciar a discussão, é importante pontuar que os povos tradicionais rurais tem estabelecido territórios há pelo menos 10 mil anos e que, segundo Barrera-Bassols e Vitor Toledo, sua forma de fixação e evolução no espaço e no tempo tem a própria diversidade e especificidade territorial como características centrais. Isto é, cada território tradicional possui o resultado do processo de co-evolução entre natureza e sociedade, que podem ser observadas na biodiversidade, na genética, na linguística, no cognitivo, no agrícola e no paisagístico (BARRERA-BASSOLS & TOLEDO, 2008).

Todavia o que se pretende aqui não é remontar o Estado da Arte da ocupação territorial dos povos tradicionais, o que não nos prenderá em refazer o caminho percorrido pelas civilizações rurais. Pretende-se sim, compreender quais processos de territorialização estão enraizados em diversas dimensões da vida humana; e se desses movimentos vêm pistas que podem contribuir para o entendimento de cada povo tradicional e os desafios atuais que enfrentam no mundo moderno, de onde vem sua resistência, porque permanecem tradicionais.

O resultado desse processo de desvelamento da vida no campo são as distintas formas de organização que foram construídas durante o tempo pelas comunidades rurais, gerando relações diretas com a natureza de cada lugar e com o modo de vida ali *experenciado*. Esse processo de co-evolução se materializa nas diferentes culturas que existem em nosso planeta, o que faz com que cada povo tradicional seja único e possua seus próprios vínculos existenciais, mesmo compartilhando de costumes comuns com outros povos. Ou seja, cada povo gerou seu entendimento local e este conhecimento *sui genesis* permite a interpretação dos fenômenos (vivos ou não) essenciais para sua reprodução.

Além disso, esse conhecimento não é meramente agrícola senão baseado numa cosmovisão que torna esses sujeitos tradicionais seres complexos e protagonistas de seu processo social. Ademais, essa forma particular e plural de ler o mundo geralmente não é negociada, porque constitui a identidade de cada povo e sua idealização da vida. Segundo Barrera-Bassols e Vitor Toledo, essa cosmovisão tão cara aos povos tradicionais do mundo, relaciona a sociedade e a natureza em valores tão profundos, como um “axioma cultural”, que já se sabe que os lugares de maior biodiversidade do planeta são também aqueles onde se verifica a maior quantidade de diversidade cultural. Isto porque a natureza, considerada como o centro do universo, o núcleo da cultura e a origem da identidade étnica, é tratada como sagrada e inalienável e não como mero recurso econômico (BARRERA-BASSOLS & TOLEDO, 2008).

Essa simbiose parece construir uma relação tão elementar para a reprodução da vida tradicional, que a perda desse território pode gerar a perda da própria cultura local. Talvez por esse motivo também está relacionada à vida tradicional uma prática de resistência e de defesa de seus costumes e de seus territórios. Mas de onde vem essa resistência? Como ela é gestada? Quais são os elementos inalienáveis de



pertencimento que marcam a vida de um povo em um determinado território e contexto?

Metodologia

Para pensar sobre essas questões, é importante relatar que para esse ensaio teórico opta por enveredar por uma Metodologia comparativa, com o objetivo de evidenciar experiências vivenciadas por povos rurais pelo tempo e pelo mundo. Desta maneira, que nos ajude a pensar num processo de transição agroecológica que leve em consideração aspectos da cultura popular que se expressam na resistência territorial vivenciada por vários povos rurais.

Quando Raúl Zibechi revela de seus estudos sobre o movimento zapatista, que aquele povo tradicional quando estava em plena atividade de luta pela reconquista de Chiapas (entre México e Guatemala), seu território ancestral, na década de 80, tinha muito claro que não se estava reconquistando meramente a terra onde produzir, talvez dê pistas sobre o que signifique essa prática de resistência dos povos tradicionais. O que os zapatistas buscavam na verdade era seu território sagrado, onde construíram sua cultura, seu modo de vida. Estavam lutando por uma parte deles que havia sido roubada. Algo que se não reconquistassem, tampouco conseguiriam viver em plenitude (ZIBECHI, 2019). Para os zapatistas, a vida rural é mais do que produzir!

Não só os zapatistas, senão vários povos tradicionais são contundentemente ameaçados por diversos fatores que põem em risco seu modo de vida e resistem. No caso dos zapatistas, eles sentiram na pele retrocessos provocados pela invasão europeia à seu território, iniciada entre os séculos XV e XVI, tendo seu modo de vida ameaçado em detrimento de uma outra epistemologia trazida do outro lado de seu mundo e imposta como o único caminho a ser seguido (ZIBECHI, 2019).

Nesse sentido, considera-se importante chamar esse fato para reflexão, porque historicamente a vida tradicional (que não está isolada do mundo) sofre influências, não apenas por conta da invasão europeia às américas. Ademais, dessas ameaças surgem também estratégias de reafirmação dos sujeitos e de resistência, importantes para o objeto desse estudo.

Um outro exemplo de conflito cultural que fez emergir movimentos de resistência camponesa que chama a atenção por sua força, aconteceu no período da revolução industrial na Inglaterra, quando os camponeses tiveram seus costumes ameaçados pela racionalidade que se construía na época. Num período em que as máquinas começaram a transformar os modos de produção e o capitalismo se lançou como corrente econômica maestra dos desígnios da sociedade, a vida camponesa foi confrontada e pressionada a se adequar à este novo.



Vivenciando o auge dessa dialética, a teia de saberes e costumes comuns daquele campesinato foi posta à prova e se organizou para resistir àquele outro modelo. Segundo E. P. Thompson, neste momento, enquanto os proprietários de grandes quantidades de terra e donos dos meios de produção imprimiam uma política que desvalorizava a cultura e os valores camponeses, aquelas comunidades tradicionais foram buscar em seus códigos territoriais e em suas crenças, as estratégias para utilizar sua cultura popular como instrumento de resistência territorial e de reprodução, utilizando-a como uma ferramenta de militância política (THOMPSON, 1998).

Essa reação a uma nova cultura, vista nos dois exemplos acima (zapatistas e camponeses ingleses), como forma de proteção do território, não necessariamente é vivenciada como algo totalmente negativo para os povos tradicionais e não pode ser compreendida como um comportamento de tentativa de isolamento destes povos. Deve sim, chamar a atenção para buscar compreender como se dão as ameaças e como as comunidades se comportam diante delas e como se organizam para não perder seu modo de vida em detrimento de outro.

No Brasil, ao estudar o povo caipira, Antônio Cândido trouxe evidências de um movimento de mistura entre culturas quando diferentes povos passam a conviver e disputar um mesmo território. Os caipiras, povos construídos a partir da mistura de povos originários, europeus e africanos, como um grupo múltiplo, conflituoso, miscigenado, com toda a complexidade histórica que foi seu surgimento, na década de 70 defendiam seu modo de vida contra toda uma investida da modernização rural que ainda hoje rodeia o campo brasileiro. Evocando seus costumes tradicionais para a proteção de seu território de vida, os caipiras tinham claro o que negociar quando optavam por transformar sua organização social frente ao surgimento do seguimento moderno do desenvolvimento da agricultura brasileira (CÂNDIDO, 1975).

Também no Brasil se observa um esforço na direção da recuperação e renovação da cultura popular camponesa. Roseli Caldart revela que nos assentamentos da reforma agrária organizados pelo Movimento dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST, milhares de famílias brasileiras, ao ter perdido e/ou estado sem território para se reproduzir no campo, buscaram através de expressões artísticas como a música, a dança e a poesia, elementos para reconstrução de sua identidade, evocando do lúdico a aproximação indissociável entre as pessoas e delas com a natureza de seus assentamentos rurais (CALDART, 2017).

Resultados e Discussão

Nesse sentido em que se busca compreender os territórios à luz da cultura popular camponesa, percebe-se várias expressões de resistência que surgem dos territórios camponeses que estão relacionadas com os costumes e as tradições do povo. Tão



várias quanto as próprias ameaças que esses territórios sofrem. Mas também é sabido que em diferentes lugares, épocas e contextos, comunidades tradicionais buscaram em sua identidade, em seu sentido de pertencimento ao lugar, as estratégias para resistir às ameaças de desorganização de sua teia de saberes.

Como esse comportamento de resistência é ativado? Como se expressa no cotidiano? Pela sua memória? Transmitida entre gerações? Através da oralidade? Por que é importante para a Agroecologia compreender essa relação de força para fortalecer seus processos de transição agroecológica nos territórios?

É fundamental firmar que a compreensão de território que aqui se pontua, não é a de harmonia e concertação, senão a de conflitos e disputas. É no sentido do que diz Souza (2000) e Haesbaert (2007), que o território é um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder, que vai além de entender as características geológicas, os recursos naturais, o que se produz e a identidade dos grupos que ocupam um determinado espaço agrário. É necessário compreender os conflitos que se desenvolvem no território, quem domina e influencia nas decisões, suas contradições sociais, seus campos de força e a teia de relações estabelecidas pelos grupos sociais.

Conclusões

Esses territórios multiculturais, conflituosos e únicos em seus processos sócio-históricos são os ambientes da Agroecologia, da transição agroecológica. Mas como a Agroecologia tem dialogado com a Cultura Popular Camponesa? Como a Agroecologia, com o alcance que propõe exercer, tem percebido e se inserido nas práticas de resistência tradicionais para potencializar seus processos de transição agroecológica e contribuir para o fortalecimento das comunidades rurais? Como a Agroecologia tem compreendido e trabalhado as emoções, símbolos, signos, sentidos, crenças, ritos, festas dos povos rurais? Deveríamos, afinal, pensar em uma Transição Cultural Agroecológica?

Referências bibliográficas

CALDART, R. S.; Sem Terra com Poesia: a Arte de Recriar História. São Paulo: **Expressão Popular**, 2017.

CANDIDO, A.; Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus Modos de Vida. **São Paulo: Livraria Duas Cidades**, 1975.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E.; O território em tempos de globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas etc..., espaço, tempo e crítica**. Nº 2(4), vol. 1, 2007.



MAZOYER, M.; ROUDART, L.; História das Agriculturas no Mundo: do Neolítico à Crise Contemporânea. **São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.**

SOUZA, M. J. L.; O Território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: conceitos e temas / organizado por Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Correa. – 2ª ed. – **Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.**

THOMPSON, E. P.; Costumes em Comum. **São Paulo: Companhia das Letras, 1998.**

TOLEDO, V. T.; BARRERA-BASSOLS, N.: La Memoria Biocultural. **Icaria Editorial, 2008.**

ZIBECHI, R.; Los Arroyos Cuando Bajan. **Carcaixent: Baladre; Málaga: Zambra, 2019.**